



Flávia Xavier, que frequentou o festival no Cine Brasília por cinco anos, achou "democrática" esta edição: "Gosto da diversidade temática"

PRIMEIROS PASSOS

» RICARDO DAEHN
» YALE GONTIJO

No lugar do ar-condicionado, ventilador. Em vez de poltronas acolchoadas, cadeiras duras, em ângulo de 90 graus. Em substituição à badalação da mostra competitiva no Cine Brasília, uma plateia dando passos tímidos, com palmas comedidas na receptividade dos filmes projetados em telão de 4m x 12m. Assim tem sido as sessões no Teatro de Sobradinho, um dos novos braços de projeção do festival, com programação simultânea à do Cine Brasília, em esquema similar ao do Teatro Sesc Newton Rossi (Ceilândia Norte) e a uma das salas do Cinemark Taguatinga Shopping.

"A cultura interessa mais do que os comes e bebes", garantiu o tradutor Marcus Vinícius da Silva, 43 anos, que assistiu à segunda noite da mostra competitiva no Teatro de Sobradinho. "Eu me importo com a qualidade dos filmes, sempre interessantes: cadeira é um detalhe. Acho que vivemos um salto e a vida cultural de Sobradinho pode mudar muito. Pretendo vir todas as noites."

Para a administradora Maria América, as cidades, de modo geral, sempre foram deixadas de lado. "As pessoas com quem conversei demoraram a acreditar que estava acontecendo a vinda (do festival) para cá. Sobradinho está orgulhosa pela oportunidade dada", enfatizou.

Na primeira vez em que se transformou em sala de cinema, com a sessão do longa *As hiper mulheres*, o teatro viu completa a lotação de 300 cadeiras. Vindo de São Paulo, o projetorista Ricardo Bassega atesta a qualidade da apresentação em suporte digital. Claro que acontecem imprevistos: a exibição do curta *A casa da vó Neyde*, por exemplo, começou cinco vezes por causa do filme engasgado. No segundo dia de programação, 60 interessados compareceram.

"A maior adesão do público pode demorar um pouquinho, mas vai começar. A vinda do festival pra cá reacende a discussão de por que termos um polo de cinema", aposta o gerente de Cultura Robson Salazar, ciente de que "filme brasileiro não tem o caráter hollywoodiano".

Outra carência foi sentida pela estudante Camila Sena, 18 anos, disposta a rever o conceito de que "geralmente, se busca mais cultura pelo Plano". "Aqui tem palco para música, mas não tem equipamento", reclamou. Inadequado para comportar banda, o palco local acolheu o formato voz e violão como atrativo periférico às sessões.

"Houve a capacidade de redimensionar e deselitizar o festival", comemorou o mestre de cerimônias taguatinguense Miquéias Paz, ao



Camila Souza (centro) levou a mãe, o namorado e o irmão para a sessão no Teatro de Sobradinho

EU FUI...



"NO PLANO PILOTO, EU NÃO IA AO FESTIVAL DE CINEMA. EM SOBRADINHO, CAÍ MEIO DE PARA-QUEDAS. ACHO QUE AINDA HÁ MUITO PRECONCEITO COM CINEMA BRASILEIRO, MAS, PARA MIM, FILMES DE COMÉDIA COMO SE EU FOSSE VOCÊ E DE PERNAS PRO AR DEVOLVERAM O INTERESSE. A INICIATIVA DE TRAZER A MOSTRA PRA CÁ ME DESPERTOU"

THAYRA PACHECO, ESTUDANTE DE FISIOTERAPIA, 21 ANOS

do Iesb, a apresentadora Tati Ramos se disse honrada, "por se tratar de algo pioneiro": "São outras cabeças pensantes que se sentem prestigiadas".

Diversidade

Pontual, a sessão da noite reservada ao longa *Trabalhar cansa* não desgastou a professora da rede pública Flávia Xavier, habitué do festival de cinema por cinco anos. "Estou achando democrático. Gosto da diversidade temática, que supera o leque de filmes sobre sertão, miséria e favela. Até ficção científica (*A alegria*), no ano passado, a gente viu", elogiou.

Sem muito hábito de assistir a filmes, a técnica de enfermagem Solange Moares, 39 anos, endossou a novidade no Teatro de Sobradinho: "Estimula a gente. Aos poucos, se pega o gosto pela cultura". Elogiando o preço do ingresso (R\$ 2, a meia), "bem acessível para a comunidade", ela — que resume atrativos de Sobradinho a "bares, bares e mais nada" — pretendia repetir o programa feito ao lado do filho Gustavo e dos sobrinhos Iraclécio e Ana Luiza.

"Não vi em outra mídia, mas sei que a divulgação do evento está bem popular no Facebook", comentou o servidor público Geraldo Rodrigues, 29 anos, que uma vez por mês vai ao cinema com a namorada, Camila Souza, 19, estudante de administração. Programa de família, o festival ainda levou (pela ordem) a mãe e o irmão de Camila, Maria Eliomar e Antônio Jorge da Silva.

falar da quebra de barreiras "formais, oficiais e sentimentais" na reconfiguração do evento. Atriz de filmes de alunos do curso de cinema